

DO CANDEIEIRO À LÂMPADA: AS IMAGENS DE JUAZEIRO DO NORTE (1950-1980)¹

ASSIS DANIEL GOMES

Mestrando em História Social (UFC). Bolsista da FUNCAP. Email: historiaassis47@yahoo.com

Segundo Della Cava (1976), em 1889 “fatos extraordinários” despertaram a curiosidade de alguns sertanejos nordestinos à povoação de “Joaseiro”, localizada no sul do Ceará. O “suposto milagre” ocorrido em 1889 nessa localidade teve como personagens a Beata Maria de Araujo e o Padre Cícero Romão. Iniciava-se, a partir de então, um fluxo migratório pautado pela influência sócio-religiosa que o sacerdote Cícero Romão passara a construir nos peregrinos que lhe pediam apoio.

Graças a esses fatores elencados acima o povoado em 1909 procurou lutar pela sua emancipação política. Em prol dela tinha um grupo organizado pela classe política, letrada e a elite financeira do povoado. Esse buscava formular meios e ações que tinham como finalidade conquistar a “liberdade administrativa” do lugar. Nesse intuito criou o Jornal “O Rebate”² que se tornou um veículo de lutas discursivas e de poder para os idealizadores/juazeirenses contra os intelectuais cratenses, que em sua maioria defendia a manutenção do controle de *Joaseiro* pelo município do Crato.

Em 1911 *Joaseiro* conseguiu se elevar à categoria de município. De acordo com Della Cava, “o crescimento urbano de Joaseiro foi ainda mais notável do que sua expansão agrícola. Em 01 de janeiro de 1909, 15.050 habitantes, que compreendia 22 ruas e duas praças públicas iluminadas a querosene” (1976, p.144). A “cidade

¹ Este trabalho derivou da pesquisa realizada em prol do TCC do curso de especialização em História Contemporânea da Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN).

² Jornal criado em 18 de julho de 1909 pelo padre Joaquim de Alencar Peixoto. Segundo Oliveira a finalidade desse semanário era “advogar a causa da autonomia de Juazeiro” (OLIVEIRA, 2001, p.161).

do patriarca” se tornou ao longo do tempo um reduto artesanal, o que, para esse historiador, era resultado de seu território pequeno e da imigração que aumentava a cada ano na cidade. Por isso, o espaço urbano se tornava maior que o rural a cada década que passava e a atividade comercial/artesanal o principal meio de sustento econômico da cidade.

Em 1950 Juazeiro do Norte era apenas uma cidade que se sustentava com a atividade comercial e artesanal e seu cotidiano começava a entrar em um processo de transformação e modificação promovida pelo advento de novas pessoas que fincavam moradia no lugar. Alguns anos depois, também começava apontar o aparecimento de indústrias manufatureiras na cidade, tendo em vista a instalação e o impacto da chegada da eletricidade gerada pela hidrelétrica de “Paulo Afonso”³ que passou a modificar as práticas dos trabalhadores, da vida pública e privada. Portanto, a vida social da cidade e dos artesãos mudava paralelamente ao aumento e maquinação em prol da fabricação e comercialização de objetos de devoção ao Padre Cícero, resultado deste novo ritmo que iniciava a vida urbana Juazeirense.⁴

Para se perceber algumas reformas pontuais que modificaram a espacialidade juazeirense, procurou-se comparar duas fontes que ajudaria a visualizar diferenças e semelhanças dos discursos sobre esse espaço urbano. Enfim, refletiram-se as seguintes questões: De onde partiu esses discursos? Como a cidade apareceu em cada um deles? De que maneira as reformas urbanas e o crescimento populacional foram tratadas por eles?

³ A CELCA (Companhia Elétrica do Cariri) começou a funcionar em 1961 na região do Cariri-Ce.

⁴ De 1950 a 1980 devido ao grande processo migratório, e conseqüentemente ao crescimento demográfico em que a cidade passou de 56.146 a 135.620 respectivamente.

O espaço urbano juazeirense: a “fé” movimentando os corpos

Nesta primeira parte, procurou-se pensar o espaço urbano juazeirense a partir dos discursos contidos nas “atas da Câmara Municipal” da cidade (1950-1980);⁵ do “Jornal do Cariri”⁶ (1950-1951) e da “Folha de Juazeiro” (1969-1977)⁷ e os discursos divulgados na Literaturas de Cordel. No primeiro documento, almejou-se perceber os discursos públicos em torno das reformas e intervenções que buscavam dar uma nova visibilidade ao lugar. Buscaremos perceber os discursos em prol da vida urbana e suas transformações ao passar do tempo. Já na segunda, buscamos analisar os discursos urbanos que foram produzidos nos jornais divulgados pela imprensa local.⁸

⁵ Fonte encontrada no arquivo da Câmara municipal de Juazeiro do Norte. Nesse lugar em que encontramos essa documentação, também mapeamos outros documentos como leis do município e outras fontes avulsas. Consideramos as atas da câmara nossa fonte principal de análise, por isso a elegemos juntamente com o Jornal do Cariri como fonte para a construção de um dado olhar para compararmos com as representações da literatura de cordel referente à cidade de Juazeiro, suas reformas e mudanças sociais.

⁶ Esse jornal fundado em 1950 na cidade de Juazeiro do Norte com slogan “O arauto das inspirações caririenses”, tendo como diretor superintendente o deputado Antônio Conserva Feitosa. Esse documento foi mapeado no arquivo do Instituto Cultural do Cariri (ICC). O ICC é uma “sociedade civil” fundada em 1953 na cidade do Crato, que “tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri” (ITAYTERA, n.1, 1955, p.181).

⁷ Jornal catalogado no acervo do memorial Padre Cícero em Juazeiro do Norte, editado por Jackson Bezerra e possuía o slogan “Um jornal para as classes empresarias”.

⁸ Esses discursos, aqui analisados, partiram de um lugar social específico, ou seja, o seu olhar para o mundo estava imbuído de subjetividade e relações humanas que permeavam suas posições sociais e ideológicas na “Cidade do Patriarca”. Tendo como base para se entender esse viver, estar e se dá ao mundo comparamo-los com as reflexões de Michel de Certeau (1982) sobre a escrita da história. Considera-se que também os discursos públicos produzido pelos vereadores, que estavam em atividade, nesses anos propostos aqui para a pesquisa, como também aqueles construídos pelos cronistas, que compõem o corpo editorial do Jornal do Cariri, fundado em 1950, e nos outros aqui observados, falam a partir de seu campo de interesse, ou seja, todos eles eram detentores naquele momento específico da voz de seu tempo

Os discursos produzidos, nessas décadas, pelos poderes públicos estavam aliados às intervenções urbanas, buscando nelas ordenar o físico e (re) construir um discurso de progresso para a cidade. Para isso, em 1950 foi discutido na câmara dos vereadores o projeto de implantação do perímetro urbano da cidade, tendo como metas definir espaços, que acabavam marginalizando outros de acordo com as normas homologadas pelos poderes públicos. Nessa tentativa de organização, por exemplo, temos a delimitação da zona urbana e suburbana da cidade.

Esse conflito se manteve entre o Sr. Elvídio Landim e o Vereador Vicente Bezerra Lima, o primeiro almejava que “a zona urbana fosse toda a cidade, pois perímetro urbano significa cidade” (Atas da Câmara Municipal de Juazeiro do Norte, 13 de Janeiro de 1950, caixa 297, p.17). Já o segundo afirmava a impossibilidade dessa proposta explicando que “o perímetro urbano não podia ser toda a cidade, nem ser maior explicando o caso da pobreza e da lei orçamentária que cobra o imposto” (Idem p.18). Isso possibilitou um corte espacial e territorial de onde intervir, o que controlar e como fazê-lo, para quem, para quem e quais os motivos para as realizações de futuras ações.

As intervenções feitas pelos poderes públicos realizadas já possuía um quadro específico e excludente, ou seja, o objetivo de dar visibilidade a cidade como progressista acabava mapeando lugares, transformando e delimitando corpos que se colocavam dentro ou fora dessa política do olhar dos poderes públicos. Nesse sentido, na ata de 6 de fevereiro de 1950 mencionara que casas es-

e de suas relações, construindo assim, matérias a favor ou contra as leis discutidas e aprovadas na Câmara, produtores de discursos e defensores de uma “visão de mundo”. Portanto, para essa tomada de posição se respaldavam por sua forma de sentir o mundo, suas escolhas político-partidárias, seus propósitos para com o povo juazeirense, sua formação humana, acadêmica e religiosa, o seu status financeiro e familiar entre outrem, ou seja, quando analisou-se os discursos públicos se deve tomá-los como uma construção de um tempo e de pessoas que possuíam concepções diferentes do mundo e também detentoras de um lugar de poder-saber. Portanto, o discurso também está “pois submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade” (CERTEAU, 1982, p.66).

tavam sendo construídas no terreno do cemitério do Socorro, esse espaço que para o vereador Manoel Vitorino era para aumentar o cemitério quando fosse preciso, estava sendo invadido e profanado. O conflito se intensificou quando o vereador Leônidas Timóteo de Souza disse que “não devíamos prejudicar o engrandecimento do Juazeiro por idéias de um velho caduco que de idéias amadurecidas e ferrenhas e de caprichos para o não desenvolvimento do Juazeiro” (Atas da Câmara Municipal de Juazeiro do Norte do dia 06 de fevereiro de 1950, caixa 297, p.25).

Nos anos de 1950 a 1980 com o intenso crescimento populacional a paisagem urbana da cidade começou a se destoar se sua linha de organização urbana, e isso se acentuava com o aparecimento de formas de habitações impróprias em seu centro. Esses espaços eram considerados insalubres e manchava a imagem de progresso da cidade. Por exemplo, em uma matéria publicada na “*Folha do Juazeiro*”, intitulada “Juazeiro grande – o criar e o manter”, encontrou-se um exemplo sobre denúncias da construção e o aparecimento de favelas. Para a colunista,

Todas as grandes urbes do mundo tratam de acabar com as favelas próximas do centro, infelizmente nós vemos uma, de grande proporções instalar-se, comodamente, em pleno centro da cidade, em um conglomerado de habitação (sic) em promiscuidade impressionante, em total desacordo com as normas básicas e simples de higiene (FOLHA DE JUAZEIRO, ano IX, n. 68, 1977 p. 05).

O crescimento populacional, que marcou os anos de 1950 a 1980, fora um dos fatores que transformou o espaço urbano e a vida social em Juazeiro do Norte. O grande avanço demográfico que esse espaço urbano sofreu mostrava aos seus gestores um aumento de problemas e desafio para uma possível harmonia urbana. Quando se pensou, o fator demográfico da terra do Padre Cícero não se tratou “considerar um fator populacional reduzido ao aspecto meramente demográfico, mas sim de um fator populacional que se reconhece

estar associado a determinadas especificidades e que traz consigo a imposição de um determinado modo de vida” (BARROS, 2007, p.54).

Esse crescimento populacional da cidade a retirava do ano de 1950, quando possuía 56.146 habitantes para o ano de 1980 para 135.620. O fator demográfico nos deu indícios de mudanças sociais desse espaço urbano que de uma pacata cidade do interior se transformara em uma cidade de porte médio, e que começava dar visibilidade as novas formas de ver e estar no mundo provindo da diversidade da população que ali habitava.

Na década de 50 do século XX a indústria começou a transformar as espacialidades e o cotidiano dos habitantes da cidade, pois a sua territorialidade não comportava uma produção agrícola. O colunista do *Jornal do Cariri*, em uma matéria intitulada “Juazeiro está crescendo- a indústria base da nossa economia”, assim relatou as mudanças ocorridas na cidade em relação à época em que Padre Cícero era vivo,

As migrações que fizeram Juazeiro, atraídos a princípio por um fenômeno de caráter religioso e depois pelo respeito e admiração ao Pe. Cícero, não encontraram aqui, terras para o trabalho agrícola. Dedicaram-se as artes e a pequena indústria a qual sempre latente, floresceu mas tarde quando os meios de transportes modernos vieram nos comunicar a outras cidades e estados e estados. Hoje, esse ramo de atividade da vida juazeirense invade variados terrenos e surge diariamente, em todas as ruas, oficinas e pequenas fabricas que tudo indica, terão no futuro grande esplendor. Ao desenvolvimento comercial e industrial, corresponde o aumento acelerado da população feito naturalmente pela grande natalidade aqui verificada e de modo irregular mas constante, pelas correntes imigratórias acarretando um surto de novos problemas sociais (n.1, 1951, p.1).

A grande chegada de pessoas, nessas décadas, tornou as instalações, órgãos e o aparato urbano frágil a cada ano que passava, impulsionando assim projetos em prol de amenizar e controlar o

espaço público que se transformava em medidas *a priori* não delimitadas. As mudanças sociais afetavam a vida cotidiana da cidade e se constituía identidades que pudessem congregá-la e se destruía ao mesmo tempo identidades-grupais nesse lugar.

Sobre as construções realizadas, nesse período, que mudaram a espacialidade e os sentidos dos juazeirenses na experiência com esse lugar, selecionaram-se quatro para exemplificar as demais. Primeiramente, destacamos a construção da Estátua do Padre Cícero na serra do catolé,⁹ esse empreendimento realizado no período da administração do prefeito Dr. Mauro Sampaio (1967-1970), tendo como escultor Armando Lacerda “escultor por vocação” em 1969 e tinha como finalidade homenagear o sacerdote.

Consideramos que ele além de aumentar os espaços sagrados e de sentido aos visitantes, também proporcionou uma movimentação dos corpos e transformações no cotidiano da cidade em torno daquele monumento-documento¹⁰ representante de um tempo e de um espaço específico de significação. Ele depois de inaugurado passou a atrairromeiros que buscavam realizar suas práticas de fé, como também visualizar o monumento. O segundo foi à criação de um meio de comunicação em 1967, a “Rádio Progresso” do grupo dos Irmãos Bezerra, nome dessa família simbolizava o presente, passado e o futuro sobre essa cidade contida na construção desse veículo tecnológico. O terceiro foi à construção do Estádio de futebol *Romeirão* iniciada em 1969 e inaugurado em

⁹ Antiga Serra do Catolé chamada atualmente como colina do horto, essa segunda denominação foi apropriada e ressignificado pelo povo de acordo com a situação sócio-religiosa, por isso realizaram uma comparação desse espaço sagrado, com o “monte das Oliveiras” que segundo a narrativa bíblica foi o ambiente onde Jesus Cristo se transfigurou e passou por uma “suprema angustia”, mas também o encontro com o sagrado.

¹⁰ De acordo com Le Goff, o documento “não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (1990, p.545).

1970, também pela mesma legislatura do Prefeito Mauro Sampaio, “um estádio que é um monumento”, tendo como capacidade de 30 mil pessoas sentadas, símbolo de lazer, de uma nova forma de ver o corpo, da soberania dos traços de perfeição física,¹¹ da construção da disciplina por meios dos esportes, pelo novo sentido que envolvia a cidade nesse momento para o esporte juazeirense.

O quarto foi à criação do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC) na cidade de Juazeiro do Norte no dia 22 de setembro de 1974, congregando em torno de si todos aqueles que se dedicavam as atividades do “espírito”. O ICVC tinha por finalidade “o incremento na região do Cariri cearense das atividades culturais de modo geral” (BOLETIM do Instituto cultural do Vale Caririense (ICVC), n.1, 1974, p.36). Na reunião de instalação do órgão civil, em 27 de outubro do mesmo ano, o coordenador geral do instituto o senhor Joaryvar Mâcedo colocava a importância dessa fundação para a cidade de Juazeiro do Norte e a necessidade dela para unir e lutar em prol do crescimento do “espírito” na cidade que tanto cresceu em outras dimensões.

A riqueza das formas de representações contidas na Literatura de cordel foram frutos da união de culturas promovidas pela imigração que ocorreu na cidade de Juazeiro do Norte, principalmente no ano de 1950 a 1980, isso acabou se tornando produto resplandecente da própria formação da cidade e das pessoas que ali moravam.¹²

¹¹ De acordo com Sevcenko (1998), ao tratar o investimento público no esporte e atividades físicas na cidade de São Paulo nos frenéticos anos 20 do século XX, considerava que “o desígnio do esporte está em incorporar o “espírito esportivo”, muito mais do que em vencer algumas prova ou competição. Obviamente o lado espetacular do esporte, os grandes torneios, as demonstrações de ginástica conjunta, os duelos de atletas, os grandes eventos multiesportivos, as celebrações atléticas nos estádios monumentais magnetizam, eletrizam, empolgam coletividades inteiras, irradiando esses automatismos do “espírito esportivo” ampla e profundamente pela sociedade” (1998, p.48).

¹² De acordo com Melo (2004), a especificidade dessa cidade dentro da produção da Literatura de Cordel estava na: “Onda migratória que se desencadeou em Juazeiro

Os cordéis produzidos, nesse recorte temporal proposto para a análise nessa pesquisa, podem ser classificados de dois tipos:¹³ 1- jornalístico/político-social; 2- Imaginário-memória/sagrado. A busca de construir uma história da cidade na linearidade das rimas poéticas proporcionou na escrita desses poetas uma relação simultânea entre o presente e a memória da cidade. Na Literatura de cordel as (re) criações de fatos e momentos aconteciam, fragmentos se perdiam e tomavam novos sentidos nas construções rítmicas, os símbolos afloravam e se reconduziam na vivência cotidiana da urbe cantada e vivida pelos poetas representada pelos versos. Essas rimas sobre o urbano juazeirense trouxeram a tona algumas memórias coletivas sobre a sua formação histórica e seus lugares de memória.¹⁴ Esses discursos, portanto, eram provenientes do “resgate” de um passado que estava sendo destruído rapidamente pelo avançar e ferocidade do tempo, principalmente após chegada da Energia de Paulo Afonso.

Portanto, o primeiro tipo aqui pensado o jornalístico/político-social se ligava alguns ao grupo que financiava a sua produção, que em boa parte eram os poderes públicos investidores da construção de versos e recitais em grandes momentos como o aniversário da cidade. Para isso, fazia ressoar no discurso poético as efemérides dos “fatos extraordinários” entre outros. As literaturas de folhetos analisadas foram: “O progresso de Juazeiro na gestão Erivano Cruz” (Pedro Bandeira – 1976), “Artesãos de Juazeiro” (Pedro Bandeira –

ao longo do século XX teve um significado mais importante: ali se formou um grande “caldeirão”, para o qual desaguaram trajetórias e práticas culturais diversas; uma serie de experiências foram recuperadas da relação desses sujeitos com a natureza, com os homens e com o sagrado” (MELO, 2004, p.151).

¹³ Essa classificação foi uma proposta a partir da leitura e análise dos cordéis catalogados nesse recorte.

¹⁴ Consoante Pierre Nora (1993), a História e a memória no mundo pós-guerra, confundiam-se, articulavam-se, tornavam-se dependentes. A invenção de lugares do lembrar, conforme ele se constituía “nos três sentidos da palavra, matéria, simbólico e funcional” (1993, p. 21). Esses sentidos se relacionavam mutuamente onde um estava ao lado do outro na emergência de reavivar o esquecido.

1970); “O cinquentenário de Juazeiro e dados históricos” (Expedito Sebastião da Silva -1961); “O misterioso desabamento da Igreja Matriz de Juazeiro do Norte” (Abraão Batista – 1974).

Eles construíram vários tipos de representações e imagens, como “cidade poética”. Juazeiro “cresce porque tem sorte”, para eles, era uma cidade assim dos sentidos, que os seus lugares excitavam desejos e emoções, proporcionavam um espaço de experiências do outro e de si próprio, terra dos artesãos em que sua sensibilidade e criatividade que ajudavam aos seus artesãos construir “revolver, espingarda, cano grosso e cano fino, pistola, foice, machado, [...], peixeira feita com arte, cravinote, bacamarte, e mosquetão boca de sino” (BANDEIRA, 1970, p.01).

As rimas, nesses cordéis, procuravam elencar fatos, grandes construções e fazeres. Exemplo disso foi à poesia de Expedito Sebastião da Silva, ele pretendeu construir um cordel sobre o cinquentenário da cidade em 22 de julho de 1961, entrelaçando a história, o presente e a memória, ou seja, o ir e vir da memória-presente, a busca da legitimação do presente-conquista pelo passado-memória e um olhar para o presente-futuro, nos folhetos. Para isso, narrou em versos os fatos desde a chegada do Padre Cícero ao século XX. Ao mencionar a década de 1950 e 1960 não tendo palavras, fez uma comparação através de suas memórias do antes e depois da cidade. Nesse momento “pasma de emoção por ver tanta diferença que chama tudo atenção” (SILVA, 1961, p.10), ou seja, para ele a cidade tinha mudado rapidamente.

Ao fazer a relação passado/memória com o presente em que foi produzido o cordel, as expectativas foram lançadas para o futuro, quando falava sobre moradia mencionava que iria construir um prédio “para quem quiser morar será na Lagoa seca, e isso não vai demorar”, e teria “forçadamente com o Crato ligação e depois barbalha” (SILVA, 1961, p.10).

Esta “cidade menina” em 1961, ano dos seus 50 anos de emancipação política, segundo as representações do poeta começa-

va sua comemoração com o desfile nas ruas da cidade contendo em sua estrutura os pavilhões das escolas, da polícia, do tiro de guerra etc. Esse evento cívico representou uma espécie de cume dos três tempos, em que eles se entrelaçavam no presente/futuro proporcionados por seus sinais simbólicos e sensíveis pelos seus expectadores, abrindo assim um horizonte de desejos e expectativas para o futuro da cidade.

Quando destacavam as praças, mencionavam que nelas as reformas foram mais intensas, pois as mesmas simbolizavam a beleza exterior da urbe, por isso os poetas não se esqueciam de dar-lhe visibilidade: a Praça Padre Cícero “está muito bem traçado, é a praça mais bonita” (SILVA, 1961, p.24). Nesse período, a construção da “Praça do Socorro”¹⁵ sendo “uma grande homenagem ao Padre Cícero”, tinha a praça Carlos Gomes em que em seu espaço “as crianças pobres, aula diariamente” (Idem), entre esses símbolos de progresso destacavam “dois cinemas de luxo”, “telefones automáticos”, em relação as suas indústrias destacando a “Sirol”, três curtumes “orgulho pra Juazeiro”, “ricas ourivesarias”, “Lojas de fazenda”, sapataria, “tendas de ferreiro”, cinco tipografias, correio local, açougue, “ricas joalherias”, Aeroporto de “grande extensão”, usina da família Bezerra, Rádio Iracema, “as redes de Paulo Afonso”, “água encanada”(Ibidem).

Em segundo lugar, a memória e sagrado eram aqueles que tinham como predominante em suas tramas as relações com o sagrado e o imaginário sertanejo. Nelas Juazeiro do Norte se tornava um lugar de conflito do sagrado e profano, das tensões entre o bem e o mal, sendo *locus* da consumação da existência e a “Nova Jerusalém”, para os peregrinos. Juazeiro seria também “um mistério, feito para

¹⁵ Logradouro público construído ao lado da capela do socorro onde o Padre Cícero e os seus beatos, entre eles José Lourenço, estão enterrados. Para os peregrinos ali é o lugar onde habita o sagrado, onde ele é sentido e reverenciado. A construção de uma praça daria mais estrutura para a capela na realização das festas referente ao “Padim Ciço”, dando-lhe mais especialidade e beleza.

a salvação, cria um para virtude, outras para a corrupção; outros para confusão” (SILVA, 1961, p.32).

Considerações finais

Ao se comparar essas fontes, procurou-se verificar como as representações da Literatura de Cordel também estavam repletas de práticas discursivas remetiam as imagens poéticas construídas sobre a cidade, sua vida social, econômica e cultural. Essa atividade jornalística dos poetas de literatura de folheto foi importante para a divulgação de representações dos fatos que envolveram o cotidiano da cidade de Juazeiro do Norte. Olhar, dessa forma, as intervenções feitas pelos poderes públicos, os discursos produzidos por letrados e uma arte poética, na forma de literatura de cordel, foi uma tentativa de olhar a cidade através das percepções do discurso oficial e daquela envolvida pelo cotidiano da urbe.

Verificamos as recepções dos poetas da terra do Padre Cícero sobre as reformas urbanas e o crescimento populacional da cidade, os jornais e as Atas da Câmara de Juazeiro do Norte. Isso nos possibilitou resquício de conflitos que emanavam na vida diária nessa cidade, sejam eles promovidos por embates políticos, econômica ou religiosa.

Enfim, a cidade de Juazeiro do Norte entre 1950 e 1980 não apenas reformou as suas praças, construiu monumentos e cresceu demograficamente. Mas, sobretudo, modificou seus espaços de sentido, movimentou os corpos entre o sagrado e o profano, entre os discursos de progresso e a manutenção de um possível passado. A chegada de modos de ver e viver dos peregrinos que decidiram habitar nesse lugar dando-lhe dinamicidade e visibilidade fora intensificada com a chegada das luzes de Paulo Afonso através da fundação da Companhia de eletricidade do Cariri em 1961.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3ª ed., Recife: FJN, Editora Messangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ARAUJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. (Tese de doutorado)

BARROS, José D'assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003, p.237-258.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre de Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MELO, Rosilene Alves de. A literatura de folhetos e a saga da e(ru)dição popular. In: Lima, Marinalva Vilar; Marques, Roberto (org.). *Estudos Regionais: Limites e possibilidades*. Crato: NERE/CERES. Ed.2004, pag.147-155.

_____. *Arcanos do Verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982*. Fortaleza: UFC, 2003. (Dissertação de mestrado)

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, p.7-28, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.48.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *A cidade como objeto da historiografia*. João Pessoa: Saeculum, n.21, jul/dez, 2009, p. 111-122.